ENTREVISTA

com

Patrícia Nogueira Hübler

Diretora-Geral do Campus Canoas do IFRS

A TRAGÉDIA CLIMÁTICA DE 2024 REVELOU NOSSAS FRAGILIDADES E, TAMBÉM, NOSSA HUMANIDADE

Entrevista
Iury de Almeida Accordi

Em maio de 2024, o Estado do Rio Grande do Sul enfrentou a pior tragédia climática de sua história, provocada por chuvas extremas e inundações generalizadas. Uma combinação de fatores meteorológicos, como o bloqueio atmosférico e o acúmulo de umidade da Amazônia resultaram em precipitações superiores a 500 mm em poucos dias, superando médias históricas e colapsando cidades inteiras. Mais de 470 municípios foram afetados, com destaque para Porto Alegre, Vale do Taquari, Serra Gaúcha e Região Metropolitana. O desastre causou mais de 170 mortes, dezenas de desaparecidos e cerca de 600 mil pessoas ficaram desabrigadas ou desalojadas. A infraestrutura foi gravemente danificada, com rompimento de pontes, bloqueio de rodovias, paralisação de hospitais, escolas, serviços básicos e colapso do abastecimento de água, energia e combustível em várias regiões.

As consequências ambientais foram severas: rios contaminados, solos poluídos, destruição de áreas rurais e morte de animais. No campo econômico, os prejuízos somaram bilhões de reais, com paralisação da produção agropecuária, industrial e comercial. A tragédia revelou a profunda vulnerabilidade do estado diante das mudanças climáticas e evidenciou a urgência de políticas públicas voltadas à prevenção de desastres, à adaptação urbana e à reconstrução resiliente. O episódio também revelou ações solidárias que deram respostas imediatas de acolhimento e assistência aos desabrigados em razão desse desastre climático sem precedente. O Campus Canoas do Instituto Federal foi um exemplo de solidariedade e a REVISTA VIVER IFRS traz à luz essa experiência trágica e ao mesmo tempo revestida de uma ação humanitária enriquecedora pelas palavras da Professora PATRÍCIA NOGUEIRA HUBLER, Diretora do IFRS – CAMPUS CANOAS.

REVISTA VIVER IFRS: Patrícia, agradeço aceitar o convite. Nessa entrevista vamos abordar os trabalhos relacionados à Extensão que, direta ou indiretamente, o Campus Canoas realizou ao longo de 2024 em relação aos eventos climáticos extremos e que, literalmente, deixaram metade do Município de Canoas embaixo d'água. Como o Campus Canoas se organizou para atuar como um abrigo temporário durante as enchentes?

Patrícia Nogueira Hubler: O trabalho começou no dia 4 de maio, mas, antes de nós abrirmos as portas do Campus para receber a comunidade de Canoas, eu tentava entrar em contato com a Prefeitura e tentei todos os contatos que eu tinha para disponibilizar o Campus para abertura, para receber as pessoas. Porque uma convicção que eu tinha, e tinha conversado também com a minha equipe diretiva, é que nós não podíamos abrir o Campus sem o apoio, sem o acompanhamento do ente municipal. Tanto que desde o dia 2 de maio, que foi uma quinta-feira, a comunidade já dizia: "Patrícia, tem que abrir as portas do Campus, tem que abrir, e eu banquei". Eu disse: "não, não vou abrir as portas do Campus, eu estou acompanhando, eu só vou abrir as portas do campus quando a Prefeitura me sinalizar, porque nós temos que ter o acompanhamento do ente municipal". E aí entrava em contato dizendo: "olha, a hora que vocês precisarem, o Campus Canoas está à disposição". Então, muitas pessoas da Prefeitura já sabiam desse nosso movimento.

No dia 4, que foi o sábado, as coisas pioraram extremamente no Município de Canoas. Na madrugada do dia 3 para o dia 4, todos os abrigos começaram a ser abertos um atrás do outro. E aí eu comecei a reforçar mais ainda o contato com a Prefeitura para sinalizar a disponibilidade do Campus para ser aberto. E isso aconteceu às 6 da tarde. Foi quando o pessoal me ligou e eu estava com carros de doações para o Município de Canoas. Eu desviei esses carros e nós já nos deslocamos direto para o Campus. Mandei uma mensagem para o WhatsApp do grupo de servidores e disse: "pessoal, em 20 minutos o Campus começará a receber a população de Canoas. Bora para o Campus Bora para o Campus porque nós seremos um abrigo temporário"! Chego a me arrepiar.. (Só um pouquinho!) Porque relembrar não é fácil. Foi tenso! E na hora eu cheguei, era o meu carro cheio de doações e mais dois carros. Os vigilantes abriram a porta e começou a chegar servidor. Começou a chegar aluno. E a gente começou, cada um pegou numa ponta. Então, era gente arrastando classe; era gente botando mesa para aquele saguão; era gente abrindo porta; era gente pegando colchonete de onde tinha, tatame de onde tinha para colocar nas salas. Então, não teve uma organização. A

organização foi acontecendo. As melancias foram se ajustando com o andar da carruagem. E foi isso!

No primeiro dia, foi loucura. A gente tinha que manter as pessoas aqui dentro, elas estão mais secas do que lá fora. Então, abre as portas! Tanto que nós tínhamos disponibilizado para a Prefeitura 250 lugares. Pensei, em centralizar tudo nas salas de aula, no bloco de salas de aula, na parte de baixo. A Prefeitura mandou duas pessoas para nos ajudarem a organizar isso. Quando eles chegaram, eles disseram: professora, está demais! 250! O que tu consegues mais? Aí eu disse: bom, eu consigo a mais, talvez, olhando as salas, vamos liberar isso daqui, aí laboratório a gente foi afastando, sala de expressões foi afastando. Umas 300 pessoas, tá? E essas 300 pessoas estouraram. – "Patrícia, o que a gente consegues mais"? Eu disse: vamos colocar 400 pessoas. Aí começamos a colocar o saguão e era saguão cheio. – "Patrícia, lotou"! Eu disse: "não, então eu tenho um prédio de laboratórios que eu isolo". Abrimos mais quatro salas e chegamos à quantidade de 450 vagas, que era o que a gente contabilizava, mas passaram mais de mil pessoas. Registradas nos nossos controles, tiveram 442 pessoas registradas. Por que eu digo registradas? Porque na hora que as pessoas chegavam, era anotação em papel. Depois, desse papel, a gente passou para um Excel. Só que desse Excel, algumas linhas foram apagadas. Então, registradas, é o que a gente manteve sem apagar. Muito mais de mil pessoas passaram pelo Campus Canoas. E se a gente contabilizar voluntários, ou pessoal que veio de outros estados e que ficaram alojados lá, com certeza, muito, muito mais do que mil pessoas passaram pelo nosso Campus em trinta dias. Então, a pergunta sobre a organização prévia, não existiu! Foi uma vontade e a necessidade que o Município teve de abrir as portas do Campus Canoas para atender as pessoas. E foi se organizando aos poucos.

REVISTA VIVER IFRS: Tu já adiantaste que uma das parcerias foi a Prefeitura de Canoas. Então, teve outras parcerias e colaborações estabelecidas para viabilizar o acolhimento?

Patrícia Nogueira Hubler: Muitas! A primeira delas que eu quero citar é a dos servidores do IFRS. Do IFRS, não só do Campus Canoas. Dos outros campi, pessoal do Campus Viamão, a pessoa da diretora, a professora Mayra, ela entrava em contato comigo todos os dias, todos os turnos. E enchia camionetes, e não só a Mayra, o pessoal da Restinga também, o pessoal de Alvorada, próximo de Porto Alegre, mas o pessoal de Viamão que

enchia caminhonete, às vezes 4, 5, 6 horas de estrada num trajeto de trinta quilômetros para nos levar mantimentos porque a gente não tinha nada. O pessoal de Vacaria montou uma caravana e passaram noites conosco lá. Nós tínhamos colegas de Ibirubá. Então, daqui a pouco eu vou começar a citar campus e vai faltar. O pessoal do Campus de Bento, arrecadando e mandando ônibus. Empresas que mandavam doações. Recebemos doações de colchões da iniciativa privada. Eu não vou citar as empresas, até para não cometer gafe. Travesseiros, água, alimentos. E o pessoal dizia: - "Patrícia, tem que ser aí. Se não for no Campus Canoas do Instituto Federal eles não entregam em nenhum outro lugar".

Dada a credibilidade do Instituto Federal e do trabalho que a gente estava fazendo. A água, por exemplo, no final do abrigo, eu doei para a comunidade externa e também repassamos para o centro de distribuição do Município de Canoas que já estava bem organizado. Porque ou descarregava a água em Canoas ou eles não mandavam, pela credibilidade que eles sabiam que ia chegar para quem precisava. Isso aconteceu com outras doações também. Nós tivemos o apoio de Institutos Federais de todo o Brasil. O pessoal montava caminhões e descarregava em Canoas. Pessoas individuais que entravam em contato que conseguiram o nosso contato por intermédio de outros voluntários. Diziam: - eu estou arrecadando em Santa Catarina, eu estou enchendo um caminhão com doações de voluntários individuais e vou mandar para Canoas. Então, foi muito lindo esse movimento! E só foi possível por causa disso. Alimentos, toda a confecção de marmitas, porque nós não temos cozinha, nós não fazemos almoço e jantar, nós temos uma cantina terceirizada em Canoas. Então, nesse momento o espaço da cantina terceirizada foi utilizado e nós tivemos, inclusive, os proprietários da cantina trabalhando como voluntários lá dentro, mas a disponibilização de alimentos era por marmita. Eram pessoas voluntárias também, algumas empresas e outras que se reuniam na comunidade para confeccionar esses alimentos para disponibilizar almoço, jantar, café da manhã, lanche, que viajava uma, duas horas para levar marmitas para a gente. Tudo isso só foi possível pela organização da população de todo o Brasil. Não foi só o pontinho ali do bairro Igara onde nós estamos que se mobilizou. Não, todo o Brasil se mobilizou para ir lá para nos ajudar.

Figura 1. Disposição das famílias na área externa do campus.
Fonte: Acervo do Campus Canoas (2024).

REVISTA VIVER IFRS: Bom, então, um pedaço da terceira pergunta você já respondeu, mas o que mais te marcou em termos de solidariedade e apoio prestado pela comunidade acadêmica?

Patrícia Nogueira Hubler: Ah, sim! Os estudantes estavam lá direto, direto, direto. Os servidores estavam direto. E era aquela coisa, a gente usava o crachá para nos identificarmos enquanto Instituição porque nós sabíamos onde estavam as coisas. Mas nós dizíamos: - aqui nós somos voluntários! Então, ninguém controlava horário de entrada, horário de saída, era 12, 14, 20, 24 horas. Nos primeiros 3 dias, a gente virou 24 horas, todos os dias, praticamente. E as pessoas viviam aquilo. Não tinha horário, a gente comia a mesma coisa que todo mundo comia. A gente comia marmita, a gente comia o lanche que estava sendo oferecido, a gente usava os serviços médicos que estavam ali. Tinha servidores e estudantes cuidando dos animais; tinha servidores e estudantes passando com atendimento psicológico, atendimento pedagógico, fazendo recreação com as crianças, todo o cuidado de higienização, até mesmo para a gente chamar a atenção das pessoas que estavam abrigadas lá, porque eram elas que faziam a organização do seu espaço. Inclusive, foi uma coisa que nós tivemos que regrar depois.

Figura 2. Fluxo de abrigados em uma das áreas internas do campus.
Fonte: Acervo do Campus Canoas (2024).

Nós regramos. Mas, todo o cuidado, e a cobrança também era feita pela comunidade. E aí nós tivemos um envolvimento muito forte da comunidade externa, porque vinham voluntários de todos os lados. Não só pertencentes à comunidade interna do Campus, mas se não fosse esse atendimento ao chamado da comunidade interna e externa do Campus, isso não era possível, porque eram muitas pessoas a serem atendidas. Nós ficamos por mais de quinze dias com mais de 500 pessoas dentro do Campus, morando no Campus. E era 24 horas isso. É atendimento médico, é alimentação, é higiene, é roupa de cama. Nós não tínhamos chuveiro, o pessoal tinha que se organizar para tomar banho fora. Então, todo esse envolvimento teve a dedicação de voluntários. E aí os voluntários foram fundamentais para que tudo fosse possível.

REVISTA VIVER IFRS: Além do abrigo temporário, existiam outros trabalhos, outras campanhas. Uma delas foi a campanha de suporte à comunidade. Como é que surgiu a ideia da campanha de apoio aos estudantes afetados pelas enchentes?

Patrícia Nogueira Hubler: O apoio aos estudantes afetados pela enchente foi uma iniciativa da reitoria, inicialmente, com apoio do CONIF. Então, teve toda a publicação do edital de auxílio emergencial, que inicialmente foi um aporte do CONIF, do Conselho de Dirigentes das Instituições Federais, mas que a nossa reitoria, inclusive, aportou valor antes de receber do CONIF, abraçou a questão junto. E teve todo o trabalho de identificação dessas pessoas necessitadas por intermédio dos servidores. Eu acompanhei mais a questão do Campus Canoas, mas todos os campi da região metropolitana receberam esse auxílio, inclusive os campi que não foram afetados diretamente, não tiveram água invadindo suas casas, mas com a questão do deslizamento, também receberam o auxílio emergencial. E esse foi um trabalho desenvolvido, principalmente, pelas assistências estudantis, com o apoio da assistência social, dos psicólogos, pedagogos, que conseguiram fazer essa triagem. Foi por meio de formulários eletrônicos, em que o pessoal preenchia e colocava ali o seu quadrante, a sua região, o seu endereço, e se verificava se aquele endereço estava realmente entre as zonas atingidas.

REVISTA VIVER IFRS: Tem algum relato específico de impacto positivo dessas campanhas que você gostaria de compartilhar?

Patrícia Nogueira Hubler: Tem. Não só da campanha, mas eu diria o quão importante é o papel do Instituto Federal na comunidade. A gente não conhecia a abrangência daquilo. Ali no Campus Canoas nós recebemos as pessoas também com animais. E muitos abrigos não recebiam os animais, eram só as pessoas. Então, já faziam uma triagem ali de quem poderia entrar. E na madrugada, acho que foi na madrugada, porque a gente perdeu um pouquinho a noção do tempo, nós já estávamos com a nossa lotação completa e aí as pessoas vinham chegando com ônibus, com caminhões, com caminhonetes, e aí chegou uma família, um casal, na caçamba de uma caminhonete, com cinco animais, cinco cachorros. E eu fui correndo para dizer que não tinha mais vaga, porque eu não vi quem era. Só saía correndo e dizia, não, não, leva para outro abrigo que não tem mais vaga aqui. E aí o motorista e a esposa que estavam do lado disseram: Ah! Já é o terceiro abrigo que vai dispensá-los. Eu olhei para trás e vi um casal todo molhado,

com os animais, e pensei, daqui a pouco ninguém vai receber porque são cinco animais com o casal. Eu olhei e disse: a gente já está com a lotação completa, não vai ser mais um casal com cinco animais que vai estourar. Olhei e disse: entra! Aí eles entraram; isso foi de sábado para domingo. Na terça-feira nós fizemos uma reunião geral com eles para falar da questão da limpeza, da organização que eu comentei um pouquinho antes.

E essa senhora chega e me abraça, no final de tudo e diz que o filho dela, Yuri, foi nosso estudante no integrado de administração e havia me mandado um abraço. Aí eu disse: eu não acredito! Depois, quando ela foi embora, ela conseguiu uma casa no final de uma semana, ele me mandou uma mensagem me agradecendo. Eu perguntei como é que estava a mãe dele, chamei ele no Instagram. Ele disse: com a mãe está tudo bem; muito obrigado pelo que vocês fizeram com ela. E aí eu falo da questão do impacto, de como às vezes a gente faz coisas que marcam, mesmo sem querer, eu nunca pensei que fosse mãe de um ex-aluno nosso. Mas era. E se eu tivesse mandado a mãe de um ex-aluno para um outro abrigo? Então o quanto é importante nós estarmos inseridos na comunidade e realmente atendermos a comunidade independente de quem seja. Porque realmente nós temos a possibilidade de capilarizar muitas pessoas nesse atendimento. Essa foi uma das questões que me marcou bastante em relação ao atendimento e outras coisas que eu acho que nós conseguimos fazer. Isso em relação à comunidade acadêmica, que é o atender sem olhar a quem. Outras coisas que eu acho que nós conseguimos com o passar do tempo ali, das horas, que foi se organizando bastante, é conseguir a credibilidade para captar bastante doações. E todas as pessoas que estavam ali na nossa Instituição estavam dignamente com colchão, com coberta, com roupas, e isso foi muito rápido. Na segunda e terça-feira todas as pessoas já tinham mudas de roupas, já tinham trocado. Então esse acompanhamento e depois também um atendimento para o retorno para as suas casas. Auxílio com produtos de limpeza, auxílio durante todo o período com produtos de higiene. Essa questão de tentar dar uma dignidade, isso foi importante. Foi um atendimento social muito forte. E todos os serviços que nos procuraram. Nós tínhamos projeto de óculos, veio uma ONG, se não me engano de Santa Catarina, que disponibilizava óculos para as pessoas na hora. Nós tivemos também ali no Campus a vacinação para H1N1 dentro do Campus. Nem todos os abrigos tiveram isso. Então no Instituto Federal nós tivemos esses serviços que foram disponibilizados. Além de um serviço de enfermagem completo, que tinha todo o atendimento, no início 24 horas com atendimento médico e enfermagem também. Depois a gente começou

a reduzir. Depois era só o horário comercial. Muitos voluntários da área da saúde. Os voluntários da área da saúde, se não fossem eles, e eu posso ficar falando um mês sobre o quão foi importante cada trabalho voluntário que nós tivemos lá. Cada serviço que era disponibilizado fazia muita diferença. Então assim, tudo fez a diferença na vida daquelas pessoas, tudo. Desde o atendimento de uma conversa com um assistente social, com um psicólogo, até o disponibilizar de óculos, que eles foram sem óculos! Confecção de documentos. Tinha solicitação de segundas vias lá. Pelo menos a emissão dos registros, toda solicitação de auxílios. Porque aí a Prefeitura tinha também, nós tínhamos o foco dos profissionais da Prefeitura que atendiam determinadas demandas. Então tudo foi muito serviço. Foi muita coisa disponibilizada.

REVISTA VIVER IFRS: Vocês se valeram do fato de ter cursos na área de eletrônica. Então, vocês desenvolveram um projeto de extensão relacionado à eletrônica, que inclusive foi destaque em várias mostras do IFRS. Vocês percorreram os campi do IFRS mostrando esse trabalho, que foi maravilhoso! Como é que esses projetos da área de eletrônica foram mobilizados para atender as famílias atingidas?

Patrícia Nogueira Hubler: Esse projeto foi mobilizado pelo professor, orientador do projeto, que foi o professor Otávio Simões Mano. Ele atuou conosco lá no abrigo. Ele ficou vários dias lá. Ia, ficava dois, três dias. Voltava, porque ele era de Porto Alegre, ficava mais dois, três dias. E ele chegou e disse assim: Patrícia, nós temos que fazer alguma coisa. Eu estou com uma ideia de receber equipamentos. Inicialmente ele ia fazer somente videoaulas. Até porque nós não tínhamos local para receber os equipamentos. Então ele faria, a ideia nasceu, fazer videoaulas com algum equipamento para ensinar as pessoas a consertarem seus equipamentos. Mas depois evoluiu. Nós conseguimos disponibilizar um espaço num laboratório, numa sala. E aí evoluiu para conseguir receber os equipamentos das pessoas que tinham sido atingidas. E teve todo o envolvimento dos estudantes, porque é a prática, né? Eles pegavam os equipamentos todos sujos; da forma como nós visualizamos, muito barro! Então tinha que lavar esses equipamentos e higienizá-los para eles conseguirem trabalhar. Mas nasceu a partir da estada do professor atuando como voluntário em outras funções dentro do abrigo.

REVISTA VIVER IFRS: E como é que essas ações transcenderam o contexto acadêmico e impactaram a vida da comunidade?

Patrícia Nogueira Hubler: Impacta a vida da comunidade porque eles recebem um serviço que está sendo prestado. Da mesma forma que muitos não conheciam o Instituto Federal, passam a conhecer por essa disponibilização de serviço. E é o exercício prático para os nossos estudantes com a comprovação de tudo aquilo que eles têm em teoria e efetivamente na prática. Então, é toda uma cadeia de serviços e de atendimentos além dos ensinamentos teórico prático para os nossos estudantes.

REVISTA VIVER IFRS: E quais aprendizados ou resultados desses projetos podem ser replicados em situações futuras de emergência?

Patrícia Nogueira Hubler: Sinceramente, eu espero que não precise ser replicado. Mas é um aprendizado enorme. Todos nós aprendemos muito. Teve um outro projeto também que nasceu dentro do Campus que foi o desenvolvimento de um sistema, uma loja IF, que foi desenvolvido com professores da área de informática, com estudantes da área de informática, e que nós comentávamos no final que o controle do abrigamento já estava feito porque nós tínhamos todo o controle de quem estava alojado lá. Inclusive com dados pessoais, vinculação de família e com foto. Isso foi um outro ganho que nós tivemos, que nós tínhamos que controlar a entrada e saída. Então, tanto o projeto do eletro quanto o projeto do desenvolvimento com esse cadastro pode ser reutilizado para diferentes situações. A questão do conserto de eletroeletrônicos até mesmo uma queda de luz que dá em lote. Algumas regiões têm bastante vento, postes. Isso pode ser reutilizado. E o sistema que foi desenvolvido também pode ser com certeza reutilizado em diferentes situações. Eu acho que foram esses os dois projetos que nasceram durante o abrigo e que a gurizada se envolveu bastante.

REVISTA VIVER IFRS: Agora chegando já no encerramento, sobre lições aprendidas e o futuro. Quais foram os principais desafios enfrentados pelo campus canoas ao liderar essas iniciativas de extensão?

Patrícia Nogueira Hubler: Essa parte eu vou ter que pensar um pouquinho. Porque a gente não pensa, quando a gente toma determinadas ações, em tudo o que pode acontecer. Nós tentamos dirimir, ou melhor, minimizar riscos. E como é que a gente conseguiu minimizar alguns riscos? Lá no início segurando, dizendo “eu só vou abrir as portas depois que a prefeitura

me der o aporte". Eu tinha que ter a segurança da prefeitura em relação a vigilância, à segurança pública, policiamento. Eu tinha que ter a prefeitura com alimentação, eu tinha que ter a prefeitura com atendimento médico. Mas isso, a gente segurou a prefeitura e depois a gente viu com o andar. Gente, se eu não tivesse segurado, se eu tivesse aberto antes, como é que eu daria atendimento para aquela pessoa que chegou acamada? Como é que eu daria atendimento para aquela situação que foi problemática e que eu tive que envolver o policiamento? São coisas que se a gente age muito na emoção, a gente tem muitas consequências drásticas depois. Então um aprendizado que eu digo é a gente tem que parar para pensar, primeira coisa. Quais as consequências que eu posso ter? E mesmo assim, a gente não vai conseguir identificar todos os problemas que vão acontecer porque as pessoas que nós atendemos foram muito diversas. Nós tivemos as mais diferentes situações. Eu nunca imaginei que eu teria três cavalos dentro do Campus; isso eu nunca pensei. Quando a gente pensou em abrir o Campus, nós pensamos: nós vamos receber animais? Vamos! Vamos disponibilizar uma sala para os animais. Nós tínhamos umas oito salas com animais. Por quê? Porque a sala que era só de animais lotou e as pessoas foram chegando com seus pets e ficavam com eles na sala. Então, tinham pessoas que gostavam de pets no mesmo ambiente e pessoas que não gostavam de pets no mesmo ambiente. E tá tudo bem, porque todo mundo se acomodava ali. A gente quer atender a população e o principal aprendizado em tudo isso é que tu não vais conseguir identificar todas as questões que tu vais ter que enfrentar. Mas tem que agir com a razão. Nós não podemos ser só emoção. Até mesmo no momento em que nós chegamos pra prefeitura, fizemos uma reunião e dissemos a eles: nós temos que encerrar o abrigo no Campus Canoas porque nós temos que voltar as nossas aulas. Até isso teve que ser razão. Porque nós tínhamos família com crianças. Nós tínhamos famílias com idosos. E aí, chega - Patrícia! Tu vais expulsar as pessoas? Não! Eu não vou expulsar ninguém. Eu estou conversando com um ente público. Teve envolvimento do nosso reitor também nessa situação. Porque a Instituição, nós estamos conversando com um ente público pra dizer vocês têm que encontrar outras alternativas. Nós temos que retornar as nossas aulas que é o nosso meio fim. Mas se eu ajo somente com a emoção nós estaríamos com abrigo até agora. Porque tem pessoas ainda em alojamentos provisórios. Então, nós temos que ter a razão em muitos momentos. Porque senão nós perdemos o controle. E eu entendo que tudo, tudo, tudo, tudo que foi feito foi um conjunto de ações. Não era a direção do Campus que estava lá; eram todos

os voluntários que estavam lá. Naquele momento em que eu estava dentro do Campus, eu era uma coordenadora de abrigo. E não se faria nada só com a Patrícia, coordenadora de abrigo. Então, outro aprendizado foi, não existe atendimento solidário de 'eu' pessoa. Existe atendimento solidário de 'nós', de comunidade, de equipe, de sociedade. E isso foi muito provado. A gente só conseguiu ter o atendimento por trinta dias. Porque não era uma, duas, três pessoas. Eram trinta, quarenta voluntários por dia, trabalhando para que aquilo conseguisse funcionar, conseguisse continuar em pé, conseguisse fazer com que as pessoas saíssem dali. Porque a ideia era: nós alojamos, nós abrigamos as pessoas, mas elas tinham que voltar para as suas casas. Ali era uma Instituição de Ensino. Então, todo o trabalho foi nesse sentido. Sempre com muita educação, com muito carinho, com muito cuidado, com muita atenção. Mas nós sabíamos, não podemos nos envolver ao ponto de nos apegar e não conseguir dar os próximos passos, que as pessoas tinham que retornar para as suas casas. E era muito gratificante quando elas iam embora. Porque elas nos abraçavam e nos agradeciam. Porque elas se sentiram acolhidas lá. Então, isso foi importante. Nós demos o carinho, ao mesmo tempo em que nós educamos e conseguimos manter a cabeça no lugar. Nós temos um trabalho. E é o trabalho que está sendo feito. Acho que eu tinha, não sei se eu te respondi!?

REVISTA VIVER IFRS: Perfeito. De que forma essas ações contribuíram para reforçar o papel do IFRS na comunidade local?

Patrícia Nogueira Hubler: O IFRS era um antes do abrigo e outro depois do abrigo. Das 742 pessoas que nós temos registradas, se eu te disser que 100, 150 conheciam o Campus Canoas antes de ir para lá, talvez eu esteja super estimando esse número. A maioria das pessoas nos diziam: eu não conhecia, eu quero vir estudar aqui, onde é que eu encontro os cursos, eu vou ser seu aluno, prof.? Então, isso foi muito impactante. Porque nós estamos numa região em que ela não foi atingida, a nossa região não foi. Então, as pessoas que foram atingidas não vivenciavam o entorno do Campus, e a maioria delas não nos conhecia; além de nós termos sido conhecidos, também, por outras empresas da região, por outras instituições públicas. O Município de Canoas é um município muito grande. Não é um município do interior em que o Instituto Federal é o centro das atenções. Não! Canoas é um Município muito populoso. O Instituto Federal é conhecido pelas pessoas que passam na frente ou que frequentam o Instituto Federal. Muitos ainda conhecem

o Instituto Federal como Escola Técnica, que foi a promessa há 15 anos atrás. Então, hoje, o Instituto Federal é muito mais conhecido do que em abril de 2024. Claro que nós não gostaríamos que esse conhecimento, esse conhecer e saber onde fica o Instituto Federal tivesse se dado dessa forma, mas realmente nós saímos muito mais fortalecidos porque eu entendo que a própria comunidade do Campus, além de ter ficado marcada com isso, nós vivemos uma humanidade enorme no Campus Canoas, e essa humanidade transformou tanto os servidores quanto os estudantes que passaram por por alí, não só aqueles que são efetivos do Campus Canoas.

REVISTA VIVER IFRS: Para terminar, existem planos para transformar essas experiências em ações permanentes ou projetos de longo prazo?

Patrícia Nogueira Hubler: Esses planos, institucionalmente, eu diria que nós não temos porque o projeto de eletrônica, do conserto dos equipamentos, eles dependem muito do envolvimento do orientador, dos outros professores da área e também dos estudantes. O que a Instituição tem é a disponibilização de espaço para que isso aconteça, mas isso vai muito da organização das pessoas que estão ali envolvidas. A questão da continuidade dos projetos depende muito, realmente, das pessoas envolvidas neles; foge um pouco da direção do Campus orientar para que elas continuem.

REVISTA VIVER IFRS: Tens alguma mensagem final?

Patrícia Nogueira Hubler: Acho que só agradecer. Agradecer, não por nós termos vivido isso, mas por nós termos tido a oportunidade de contribuir com a população de Canoas no momento em que ela precisou, com a população do Rio Grande do Sul, e termos conseguido visualizar essa humanidade que existe no ser humano. Essa disponibilização, essa doação. Nós recebemos mensagens de carinho na forma de mensagem e na forma de entrega de produtos e serviços por todo o Brasil. Os voluntários que vieram prestar serviços, os voluntários que se disponibilizaram na arrecadação de alimentos, os voluntários que foram lá trabalhar. É só, realmente, um agradecer. Eu só tenho a agradecer. Agradecer pelo que nós vivemos. Isso tá muito marcado ainda, eu não consigo falar desses 30 dias sem me emocionar e eu acho que isso ainda vai longe. Eu não consegui assistir a palestra do Professor Rinaldo e não me emocionar, então é algo que toca muito e toca cada pessoa que foi atingida ou que se envolveu, porque foi muito forte! Mas eu só tenho a agradecer, agradecer a toda a comunidade de Campus Canoas, a toda

a comunidade do IFRS, a todos os voluntários externos e internos que se disponibilizaram e que deixaram as suas casas, porque foram horas, dias, foi um mês de atendimento intenso e que não existia final de semana, não se tinha descanso, então, só agradecer mesmo!

REVISTA VIVER IFRS: Nós é que temos que agradecer a ti por teres disponibilizado esse tempo, muito obrigado!

Patrícia Nogueira Hubler: Imagina, eu estou à disposição, pode contar!